



REFLEXÕES SOBRE COMO OS PROFESSORES COMPREENDEM O PAPEL DA SUA PROFISSÃO

ADRIANA ZIEMER GALLERT

RESUMO

O trabalho apresenta reflexões sobre como um grupo de professores compreendia qual era o papel da sua profissão no atual contexto. Integra os resultados da pesquisa de mestrado “A produção de sentidos subjetivos dos professores no enfrentamento das adversidades da docência”. A pesquisa fundamentou-se na Teoria da Subjetividade, sendo a subjetividade definida como um sistema complexo, singular e contraditório, que se constitui no curso da história de vida de cada pessoa e está em constante movimento a partir da contínua e processual produção de sentidos subjetivos. Os procedimentos metodológicos orientaram-se a partir dos pressupostos da Epistemologia Qualitativa, na qual a construção empírica e teórica se caracteriza pelo caráter construtivo-interpretativo das informações, pelo processo dialógico e pela legitimação dos casos singulares como instância de produção do conhecimento científico. Participaram da pesquisa onze professores do Ensino Fundamental de uma escola pública de Palmas–TO. Os procedimentos metodológicos adotados foram observações, entrevistas, discussões em grupos, produção de texto e complemento de frases. Os resultados da pesquisa evidenciam a compreensão dos professores em relação à complexidade do momento histórico que vivemos, que faz com que também o papel do professor seja compreendido a partir de enfoques diferentes: profissional responsável por ensinar e educar as crianças; finalidade emancipatória da educação; transmissão de conhecimentos e repasse de conteúdos, explicitando a concepção da educação bancária; compromisso com o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos; preocupação com a transferência de responsabilidades da família para a escola; preocupação com a responsabilidade pelo desenvolvimento de atitudes básicas de convivência social; foco no aluno real e concreto da sua sala de aula, ao invés da preocupação centrada no trabalho com os conhecimentos, na ausência da família e na transferência de responsabilidades desta para a escola. Assim, considerando os vários sentidos subjetivos evidenciados pelos professores na pesquisa em relação ao papel da docência, destaca-se a complexidade da subjetividade humana, a qual precisa ser considerada na análise e compreensão do cotidiano dos contextos escolares.

Palavras-chave: Professor; docência; escola; sentidos subjetivos; subjetividade.

1 INTRODUÇÃO

As reflexões apresentadas sobre como um grupo de professores compreendia qual era o papel da sua profissão integram os resultados da dissertação de mestrado “A produção de sentidos subjetivos dos professores no enfrentamento das adversidades da docência” (Gallert, 2010). A pesquisa fundamentou-se na Teoria da Subjetividade, de González Rey (2004, 2005, 2010), sendo a subjetividade definida como um sistema complexo, singular e contraditório, que se constitui no curso da história de vida de cada pessoa e está em constante movimento a partir da contínua e processual produção de sentidos subjetivos. A partir de investigações nas áreas da saúde, da psicologia e da educação, essa teoria se constitui em um referencial teórico e epistemológico para estudos e pesquisas de temas complexos, e nos possibilita uma abordagem

científica coerente na análise dos desafios vividos pelo professor no contexto educacional do nosso momento histórico.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa orientou-se a partir dos pressupostos da Epistemologia Qualitativa, de González Rey (1997, 2002, 2010), na qual a construção empírica e teórica se caracteriza pelo caráter construtivo-interpretativo das informações, pelo processo dialógico e pela legitimação dos casos singulares como instância de produção do conhecimento científico. Participaram da pesquisa onze professores do Ensino Fundamental de uma escola pública de Palmas-TO. Os procedimentos metodológicos adotados foram observações, entrevistas, discussões em grupos, produção de texto e complemento de frases.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos enfoques analisados no processo construtivo-interpretativo das informações da pesquisa foi a maneira como os professores expressavam a sua compreensão em relação às responsabilidades das suas funções e atribuições no exercício da docência. Em relação ao conceito de docência, encontramos na Resolução CNE/CP Nº 1/2006, a qual institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, a seguinte definição:

Art.2 §1º. Compreende-se a **docência** como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo. (Brasil, 2006, p.11) (grifo nosso)

Considerando o referencial teórico no qual está fundamentada a nossa pesquisa, visualizamos que o texto legal contempla apenas de maneira implícita a questão da subjetividade no processo da ação educativa. Defendemos a importância desse aspecto ser assumido como um dos focos centrais no trabalho do professor, uma vez que tanto ele como os seus alunos são sujeitos histórico-culturais (Vigotski, 1998), constituídos na singularidade da subjetividade individual e social (González Rey, 2005) da sua história de vida.

Nesse processo, compreendemos que os sentidos subjetivos (González Rey, 2005) que os professores elaboravam em relação ao seu papel no atual contexto, relacionavam-se tanto com os conhecimentos sistematizados sobre as funções da sua profissão, provenientes da sua formação acadêmica e das ideias socialmente elaboradas e vividas pelos grupos sociais, quanto com a compreensão pessoal de cada um a partir das suas experiências e vivências. As informações analisadas mostraram que essa elaboração acontecia independente da maneira como ocorreu o processo da escolha profissional pelo magistério. Ou seja, não havia uma relação de correspondência unilateral entre a escolha profissional dos professores e a compreensão que tinham sobre o seu papel.

Assim, a ideia principal apresentada pelo grupo de professores em relação ao seu papel no atual contexto social foi a do profissional responsável por ensinar e educar as crianças. A colocação do Professor 9¹ sistematizou bem essa compreensão do grupo: “[...] o papel do professor hoje ele tá, na mente dos professores, eu acho que continua basicamente o mesmo né, de formar, de educar, de mostrar é, o caminho dessas crianças perante a sociedade, do que elas devem fazer né, como elas devem é, viver né, e as coisas que elas precisam aprender.” (Professor 9).

¹ Considerando a questão da ética da pesquisa, a identidade dos professores foi preservada e optamos por identificá-los com a utilização de números de um a onze.

A ideia do grupo correspondeu com a compreensão histórica sobre o papel do professor, a qual, no decorrer dos tempos, assumiu funções ideológicas diferentes, dependendo dos interesses sociais, econômicos, políticos e culturais da sociedade de cada época. Tendo como referência a teoria histórico-cultural, Martins (2007, p. 24-5), argumenta que

[...] a função essencial da escola é a socialização do saber historicamente produzido, tendo em vista a máxima humanização dos indivíduos. [...] [Essa função] não é tarefa exclusiva da instituição escolar, porém, para sua efetivação a escola desempenha um papel insubstituível. É a finalidade emancipatória da educação que não se pode perder de vista, uma vez que ela representa o desenvolvimento da verdadeira consciência por meio da apropriação dos conhecimentos, dos conceitos, das habilidades, dos métodos e técnicas etc., de forma que possam os homens intervir na realidade e tomar parte como sujeitos do desenvolvimento genérico da humanidade.

A compreensão da socialização do saber como função principal do trabalho docente esteve presente nas falas de todos os professores do grupo, porém com enfoques diferentes. A finalidade emancipatória da educação, conforme colocado pela autora, foi manifestada somente por dois professores do grupo: o Professor 8 e o Professor 10. O Professor 8 explicitou essa ideia da seguinte maneira: “[...] *o meu papel é o que eu procuro desenvolver aqui com meus alunos é mostrar a verdade da sociedade, não fico escondendo não. Meu trabalho é voltado mesmo pro cidadão crítico mesmo, né. Eu procuro mostrar a realidade, não gosto de ficar ocultando nada não, porque... eu vejo assim que, a partir do momento que todo mundo conhece a verdade, a tendência é melhorar.*” (Professor 8).

As colocações do professor conferiam com as ideias defendidas por Martins (2007), pois, no momento em que colocou que buscava mostrar a realidade tal como ela acontecia efetivamente, para que os alunos fossem pessoas críticas, demonstrou a compreensão do seu papel na perspectiva da emancipação das pessoas por meio da educação e o seu nível de consciência crítica (Freire, 2001).

Complementando essas ideias, as falas do Professor 10, além de explicitarem a questão da finalidade emancipatória da educação (Martins, 2007), introduziram a ideia mais enfatizada pelo grupo em relação à compreensão do seu papel: “[...] *eu vejo assim o professor-pai né, acaba se tornando quase que, o professor, professora né, pai e mãe que você tem que lidar com todos os setores da vida do aluno, todos os setores: emocional, higiênico, comportamento, indisciplina, afetivo, de tudo quanto é forma. Então, não sei, talvez aí assim, professor-família né, acho que é um professor-família. [...] Na escola a última coisa que se faz é estudar o pedagógico né, porque quando a tensão fica muito forte, a tensão fica muito forte você não tem realmente como tá ensinando. [...] Eu só acho que a carga tá saindo muito pro lado do professor né, entre todas as coisas, que deve formar um ser humano, emancipar um ser humano, eu acho que tá tudo vindo pra escola.*” (Professor 10).

No final do trecho que citamos, o professor colocou como compreendia o papel do trabalho docente, ou seja, “*formar um ser humano, emancipar um ser humano*”, enfatizando sua preocupação em relação ao fato de que esse enfoque estava sendo substituído pela educação de valores e atitudes, os quais compreendia como sendo responsabilidade da família. Essa preocupação foi manifestada também por mais seis professores do grupo: o Professor 9 e as Professoras 2, 3, 4, 5 e 6, explicitando um dos aspectos da subjetividade social da escola (González Rey, 2005). Entretanto, para esses professores, diferente do Professor 10, a função social da escola não estava vinculada à finalidade emancipatória da educação (Martins, 2007). Nas suas falas alguns usaram expressões como transmissão de conhecimentos e repasse de conteúdos, explicitando a concepção da educação bancária (Freire, 2001), por meio da qual a ação educativa acontece na perspectiva do cidadão passivo e acrítico no meio em que vive. Apresentamos uma fala da Professora 6 para exemplificar essa compreensão, a qual estava

revoltada com a questão da transferência de responsabilidades da família para a escola: *“O papel do professor deve, deveria estar assim igual o papel de transmissor de conhecimentos, né. A pessoa quer... na verdade a gente estuda pra ta transmitindo conhecimentos, ensinando o que você aprendeu, não pra ficar aqui sendo babá de menino, cuidando de menino que o pai e a mãe não dão conta em casa. Chega simplesmente e fala: “Não, a obrigação é da escola, se vira!”* (Professora 6).

Outros professores desse grupo não explicitaram com clareza a sua concepção de educação, apresentando implicitamente a compreensão do seu papel na perspectiva da humanização (Martins, 2007) ao colocar que sua função era educar e ensinar conhecimentos. Apesar dessa diferença, apresentaram-se igualmente preocupados com o fato de terem dificuldades na realização do seu trabalho com os alunos, em virtude de terem que assumir a responsabilidade pelo desenvolvimento de atitudes básicas de convivência social. Para exemplificar a compreensão desse grupo, apresentamos a fala da Professora 3: *“[...] Hoje a sociedade ta empurrando o professor pra ser cuidador, pai, mãe, porque parece que a família ta largando a criança, né. Mas eu acho que o professor não tinha que ser o cuidador, tinha que ser o professor, né, fazer o seu trabalho, de ensinar, e tudo. E aí fica a carga muito pesada, porque além de ensinar ainda vai ter que cuidar. [...] O professor ta se colocando no papel tanto de ensinar quanto de cuidar, cuidar daquela educação que é a base, que é recebida lá na família e ela não ta recebendo... e é sério.”* (Professora 3).

As três falas que citamos explicitaram a compreensão que os professores tinham em relação à diferença existente entre o papel da família e da escola na educação das crianças. Além disso, evidenciaram a insatisfação que os professores sentiam em relação a não ter condições de realizar o trabalho que acreditavam ser o seu papel, ou seja, ensinar os conhecimentos necessários à vida em sociedade, pois precisavam trabalhar o desenvolvimento de valores e atitudes que os alunos já deveriam ter aprendido na família. Essa questão antecipou outros aspectos abordados nas análises da pesquisa, em relação às frustrações dos professores na realização do seu trabalho, pois, junto com as ideias sobre a compreensão do seu papel, a maioria do grupo expressou seus sentimentos sobre o confronto entre esse aspecto e a realidade concreta da sala de aula.

O sentimento de impotência e frustração dos professores entre querer que os alunos aprendessem o que eles queriam ensinar e as dificuldades encontradas nesse processo, foi evidenciado também nas falas que apresentamos. Esse é um processo complexo, pois envolve não somente aspectos pedagógicos, mas também sociais, políticos, econômicos, culturais, entre outros. Entretanto, o que está realmente ao alcance das ações dos professores no cotidiano do seu trabalho são as questões pedagógicas. Contudo, a maneira como o grupo compreendia o seu papel de profissional responsável por ensinar e educar as crianças, acontecia mais na perspectiva do trabalho com os conhecimentos do que com as relações sociais. Esse aspecto evidenciou pouco enfoque dos professores em relação à valorização da subjetividade no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Em relação a esse aspecto, González Rey (2001, p. 3) argumenta que

O objetivo da educação não é simplesmente o de efetivar um saber na pessoa, mas seu desenvolvimento como sujeito capaz de atuar no processo em que aprende e de ser parte ativa dos processos de subjetivação associados com sua vida cotidiana.

Considerando essa perspectiva, visualizamos nas colocações da Professora 7 a compreensão do papel do professor tendo como foco o aluno real e concreto da sua sala de aula, ao invés da preocupação centrada no trabalho com os conhecimentos, na ausência da família e na transferência de responsabilidades desta para a escola, conforme apontou a maioria do grupo. *“[...] Eu vejo que nem todos são assim [a professora se referia aos colegas que trabalhavam só pelo salário], que têm professores e professores. E têm professores que realmente se preocupam*

com os alunos, com o aprendizado do aluno. Eu sempre falo o seguinte, que no dia que eu como professora não acreditar na educação, eu deixo de lado a profissão.” (Professora 7).

Essa fala expressou sua compreensão de que o papel do professor estava relacionado ao compromisso assumido com o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. No decorrer da sua participação na pesquisa foi possível observar que essa compreensão não era apenas um discurso sobre a docência, mas se concretizava efetivamente no cotidiano do seu trabalho. Um exemplo dessa questão foi um projeto que organizou com seus alunos para o período das férias de julho. Apesar da falta de apoio que teve por parte da escola, não desistiu. Esforçou-se para realizar as ações que havia planejado e obteve resultados satisfatórios. A professora relatou essa situação da seguinte maneira: “[...] no mês de julho eu fiz um projeto de férias. Fui muito criticada pelos colegas, alguns colegas, não tive o apoio da escola, é... Eles alegaram que não tinham como tirar xerox, para estar enviando as atividades de férias, para eles estarem fazendo no momento de férias, e queriam com que eu desanimasse com as... ‘Ah, mas não vai adiantar nada, isso vai ser tempo perdido, você fazer as atividades X, preparar as apostilas e não vai ter retorno.’ E quando, eu sempre dizia assim: ‘Se um voltar com as atividades prontas, pra mim já é retorno!’ E hoje eu fico feliz porque várias mães vêm e falam o depoimento: ‘Nossa, aquele trabalho foi maravilhoso que você fez para os alunos!’ [...] Então eu vejo assim que vale a pena ir além do que a gente espera, porque só chegar e falar bem assim, pensar negativo: ‘Não vai dá certo, eu não vou fazer nada porque não vai adiantar’, e ficar ali parado... Então eu acredito que, eu sinto gratificante quando eu vejo a recompensa deles.” (Professora 7). Sua persistência frente às dificuldades encontradas, evidenciou que sua compreensão sobre o papel do professor era realmente de comprometimento com a situação dos seus alunos.

Além da Professora 7, visualizamos nas colocações das Professoras 1 e 5 a compreensão do papel do professor com foco no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, porém a partir de um enfoque diferente. Para a Professora 1, “[...] o papel do professor hoje é [...] trabalhar com o amor, porque se a gente não trabalhar com amor, a gente não consegue nada”. E para a Professora 5 “[...] é muito gratificante, muito mesmo, a profissão ela é muito complexa né, se depara com muita dificuldade. Mas é que nem eu te falei, tem que ter amor, se não tiver amor você não dá conta não, porque é muito complexa a profissão do professor”. Apesar de aparentemente explicitarem uma visão romântica do processo pedagógico, as professoras relataram ações de aproximação com os alunos, principalmente por meio do diálogo, mostrando que ao falar do amor destacavam a importância da afetividade nas relações sociais da sala de aula. Seus relatos coincidem com os argumentos defendidos por Tacca (2006, p.49), ao afirmar que

[...] não é possível pensar o processo de aprendizagem fora de uma relação entre pessoas, cujo eixo não seja o processo dialógico. [...] Faz-se necessário que cada interlocutor se disponha a entrar em relação com o outro, procurando uma compreensão que muitas vezes vai além das palavras, pois alcança os motivos de cada um.

O processo de entrar em relação com o outro implica na compreensão da unidade entre a cognição e a afetividade no processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, situação que passa a acontecer no momento em que o professor compreende o seu papel em outra perspectiva. Nesse sentido, ao visualizar as várias abordagens apresentadas nessa análise, as colocações das Professoras 7 e 1, e dos Professores 8 e 10, nos permitem fazer uma aproximação da compreensão de Vigotski (2003) sobre o papel do professor como organizador do ambiente social.

O enfoque dado às relações sociais com os alunos, manifestadas pelas duas professoras, e a finalidade emancipatória da educação (Martins, 2007), explicitada pelos dois professores,

relacionam-se com a compreensão de uma prática pedagógica que acontece na perspectiva dos processos de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos como sujeitos críticos, que atuam e intervêm na realidade em que vivem. Sobre essa ideia, Vigotski (2003, p. 449) argumenta que “[...] a mais importante exigência que se faz a um professor nas novas condições é de que ele deixe inteiramente a condição de estojo e desenvolva todos os aspectos que respiram dinamismo e vida”.

4 CONCLUSÃO

Ao concluir a apresentação e a análise da construção das informações sobre como os professores compreendiam o seu papel no atual contexto, apresentamos uma colocação do Professor 11, que explicitou seu entendimento da seguinte maneira: “[...] o papel do professor é de uma responsabilidade imensa né, quando a gente tá aqui que a gente vê a dimensão desse tudo”. Sua fala explicitou a questão da complexidade do momento histórico que vivemos, que faz com que também o papel do professor seja compreendido a partir de enfoques diferentes. Além disso, os vários sentidos subjetivos (González Rey, 2005) evidenciados nas falas do grupo em relação a um mesmo aspecto da docência, mostraram a complexidade da subjetividade humana, a qual precisa ser considerada na análise e compreensão do cotidiano dos contextos escolares.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Resolução CNE/CP 1/2006. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1, p. 11. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GALLERT, A. Z. **A produção de sentidos subjetivos dos professores no enfrentamento das adversidades da docência**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/7335/1/2010_AdrianaZiemerGallert.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997.

_____. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. In: 24ª Reunião Anual da ANPED. **Anais [...]**, Caxambu, 2001.

_____. **Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

_____. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

MARTINS, L. M.. **A formação social da personalidade do professor**: um enfoque vigotskiano. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

TACCA, M. C. V. R. Estratégias pedagógicas: conceituação e desdobramentos com o foco nas relações professor-aluno. In: TACCA, Maria Carmen Villela Rosa (org.). **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas: Alínea, 2006

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.